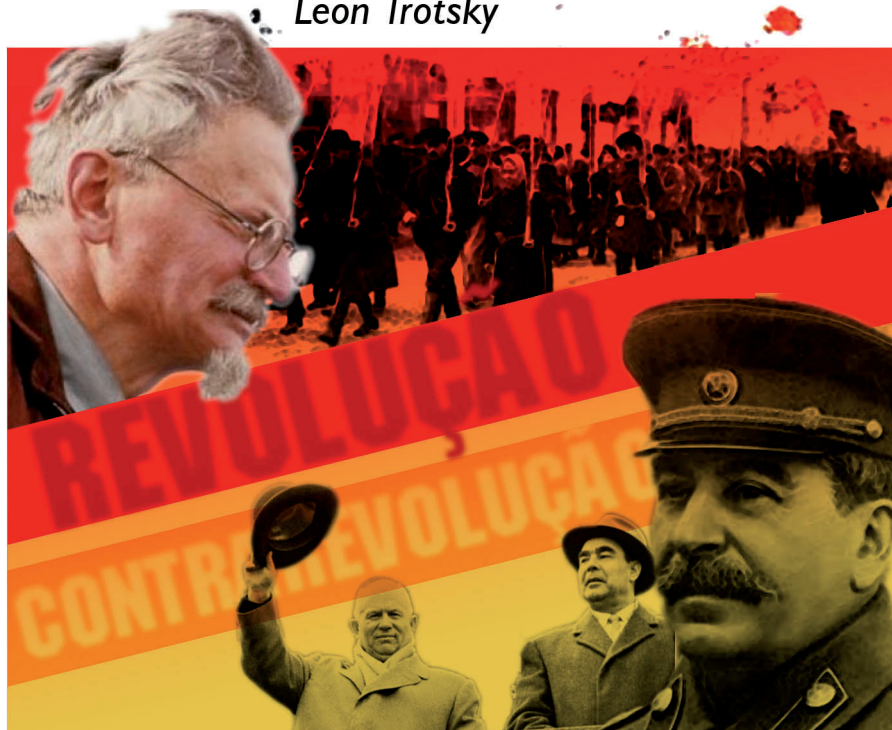




100 anos da Revolução Russa

Bolchevismo e Estalinismo

de Leon Trotsky



POR | Partido
Operário
Revolucionário

 **EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS**
MASSAS

Bolchevismo e Estalinismo

*Sobre a questão das raízes teóricas
e históricas da IV Internacional*

Leon Trotsky

Índice

Apresentação	5
A reação contra o marxismo e o bolchevismo	8
De volta ao marxismo?	12
O bolchevismo é o responsável pelo estalinismo?	14
O prognóstico fundamental do bolchevismo	17
Estalinismo e “Socialismo de Estado”	21
Os “pecados” políticos do bolchevismo: origem do estalinismo	25
Problemas de teoria	29
O problema moral	31
As tradições bolcheviques e a IV Internacional	34

Apresentação

Escrito em agosto de 1937 e publicado pela imprensa trotskista da época, *Bolchevismo e estalinismo* é, sem dúvida, um dos mais difundidos e traduzidos artigos de Leon Trotsky em defesa da tradição, método e teoria do marxismo.

Ao publicar este artigo na forma de folheto, desejamos tornar acessível aos trabalhadores e sua vanguarda esta brilhante aplicação do materialismo marxista à elucidação dos fenômenos da luta de classes, no caso, a explicar as origens da degeneração burocrática do primeiro estado operário do planeta e do papel cumprido nela pelo estalinismo contrarrevolucionário. Trata-se de um texto que, mais do que lido, precisa ser particularmente estudado.

O contexto em que foi escrito esteve marcado pela proximidade da guerra, pela trágica derrocada da revolução espanhola e pela implacável eliminação física dos antigos líderes bolcheviques nos Processos de Moscou.

No período em questão, a falência das duas Internacionais foi seguida por uma profusão quase incontrolável de cisões, rupturas e deserções nas mais diversas correntes de opinião. Deslocamentos à direita, súbitas passagens à ultraesquerda, surgimento de pequenos partidos, seitas e organizações diversas que refletiam o desenvolvimento de uma brutal crise de direção revolucionária. Na base de todo

este reagrupamento político está o rechaço comum ao bolchevismo, isto é, ao marxismo enriquecido com a experiência do leninismo, e à bandeira da Revolução de Outubro.

Poderá o leitor não identificar a profunda similaridade desta situação com a nossa, no início deste século no Brasil? As correntes que se reivindicam do socialismo e da esquerda no nosso tempo estão de tal maneira mergulhadas na política burguesa que, além do velho cretinismo parlamentar, destilam uma grosseira aversão ao leninismo. O apodrecido e oligarquizado reformismo petista, o estalinismo e suas inúmeras variantes, além do aglomerado de pequenas correntes psolistas, não condenam, hoje, igualmente, a ditadura do proletariado, o centralismo democrático e a violência revolucionária, em nome da democracia burguesa? Não se afastam elas do marxismo revolucionário indo buscar seu arsenal teórico nas teses acadêmicas, nas novas 'teorias' da moda entre os intelectuais burgueses para explicar os fenômenos da vida social próprios da decadência capitalista? Nem é preciso dizer que todas apontam no caminho da colaboração de classes e servem de freio à luta pela emancipação dos explorados.

Hoje, como ontem, aqueles que encarnaram integralmente o programa da revolução, ou seja, o bolchevismo de fato e não em palavras, mantêm alto o otimismo revolucionário, ainda que se vejam diante de um sufocante isolamento. Esse otimismo, que se nutre do fato indiscutível de que a sociedade burguesa afunda na decomposição e de que nada, nem nenhuma nova diretriz econômica, poderá salvá-la desta sombria perspectiva, é o que move o marxismo-leninismo-trotskismo à busca da derrota ideológica da burguesia através da reconstrução do Partido Mundial da Revolução, a IV Internacional.

Desejamos aos leitores um proficuo estudo e a conclusão prática de que, frente à profunda crise da política burguesa, é preciso erguer, custe o que custar, o partido da revolução em nosso país.

Fortaleza, 02 de agosto de 2017, R. S.

Bolchevismo e Estalinismo

As épocas reacionárias, como a que estamos vivendo, não somente desintegram e debilitam a classe operária, isolando-a de sua vanguarda, como também rebaixam o nível ideológico geral do movimento fazendo retroagir o pensamento político a etapas já superadas há muito tempo. Nestas circunstâncias, a tarefa mais importante da vanguarda é não se deixar arrastar pelo fluxo regressivo, e sim nadar contra a corrente. Se a relação de forças desfavorável impede manter as posições conquistadas, ao menos se deve aferrar a suas posições ideológicas, porque estas expressam as custosas experiências do passado. Os imbecis qualificarão esta política de “sectária”. Na realidade, é a única maneira de preparar um novo e enorme avanço quando se produzir o próximo ascenso da maré histórica.

A reação contra o bolchevismo e o marxismo

As grandes derrotas políticas provocam inevitavelmente uma reconsideração dos valores, que geralmente procede de duas direções. Por um lado, a verdadeira vanguarda, enriquecida pela experiência da derrota, defende a herança do pensamento revolucionário com unhas e dentes e, sobre esta base, trata de educar os novos quadros para as próximas lutas de massas. Distintamente, os rotineiros, os centristas e os diletantes fazem todo o possível para destruir a autoridade da tradição revolucionária e se voltam à busca da “nova verdade”.

Poderíamos assinalar uma enorme quantidade de exemplos de reação ideológica, a maioria dos quais assume a forma da prostração. Toda a literatura das internacionais Segunda e Terceira e de seus satélites do Bureau de Londres¹ consiste essencialmente em tais

1. Bureau de Londres: O “bureau internacional para a unificação socialista revolucionária”, dito bureau de Londres, era um organismo de ligação entre partidos e agrupamentos provenientes da socialdemocracia ou do estalinismo como o S. A. P. (alemão), o I. L. P. (britânico); o P. O. U. M. (espanhol) e mais tarde o R. S. D. A. P. (holandês), que tinham em comum uma hostilidade declarada à construção – e não somente proclamação – de uma IV Internacional. O bureau de Londres tinha como seu secretário Femer Brockway. Trotsky vê nesta organização a frente única dos “centristas” e o refúgio dos “pacifistas”.

exemplos. Nem sombra de análise marxista. Nenhuma tentativa séria de explicar as causas da derrota. Nem uma palavra nova acerca do futuro. Nada mais que lugares-comuns, conformismo, mentira e, acima de tudo, preocupação pela sobrevivência da burocracia. Bastam dez linhas de Hilferding ou de Otto Bauer² para sentir o odor de podridão. Quanto aos teóricos da Comintern, nem sequer vale a pena mencioná-los. O célebre Dimitrov é tão ignorante e trivial como um vendeiro com uma caneca de cerveja. Os intelectos desta gente são demasiado preguiçosos para renunciar ao marxismo: o prostituem. Porém, estes não são os que nos interessam aqui. Vamos aos “inovadores”.

O ex-comunista austríaco Willi Schlamm³ publicou um folheto sobre os processos de Moscou sob o título sugestivo de “A ditadura da mentira”. Schlamm é um jornalista de talento que se ocupa principalmente dos acontecimentos políticos do momento. Sua crítica das fraudes judiciais de Moscou, assim como sua denúncia do mecanicismo psicológico das “confissões voluntárias” é excelente. Entretanto, não se limita a isso: pretende criar uma nova teoria do socialismo que nos imunize contra novas derrotas e fraudes, no futuro. Porém, visto que Schlamm não é um teórico e, aparentemente, não conhece bem a história do socialismo, retorna completamente ao socialismo pré-marxista, principalmente à sua variante alemã, a mais atrasada, sentimental e simplista de todas. Schlamm renuncia à dialética e à luta de classes, para

2. Rudolph Hilferding (1877-1941): Austríaco, dirigente socialdemocrata alemão antes da I Guerra Mundial, foi pacifista durante a mesma. Foi Ministro da Fazenda nos governos burgueses de 1923 e 1928. Autor do conhecido livro “O Capital Financeiro”, de 1910. Morreu num campo de concentração nazista durante a II Guerra Mundial. Otto Bauer (1881-1938): Um dos líderes do partido socialdemocrata da Áustria. Exponente do austromarxismo e Ministro das relações exteriores durante os anos 1918-1919.

3. Willi Schlamm (1904-1978): um dos fundadores da Oposição de Direita austríaca. Com a chegada de Hitler ao poder, publicou vários artigos importantes de Trotsky na *Die Neue Weltbuehne*, revista que dirigia. Posteriormente, se radicou nos Estados Unidos e foi editor da rede de publicações Henry Luce.

não falar da ditadura do proletariado. Para ele, a questão da transformação da sociedade se reduz à realização de certas verdades morais “eternas”, com as quais quisera imbuir a humanidade, inclusive sob o capitalismo.

A tentativa de Willi Schlamm de salvar o socialismo mediante o transplante de uma glândula moral foi recebida com alvoroço e orgulho na revista Novaia Rossiia (velha revista provinciana russa que agora é publicada em Paris) de Kerenski: como era de se esperar, a chefia da redação proclama que Schlamm chegou aos princípios do autêntico socialismo russo, o qual há muito tempo atrás contrapôs aos sagrados preceitos de fé, esperança e caridade a austeridade e rigor da luta de classes. A “nova” doutrina dos socialistas revolucionários russos é, em suas premissas “teóricas”, um simples retorno ao socialismo alemão anterior a março... de 1848! Entretanto, seria injusto exigir de Kerenski um conhecimento mais profundo que o de Schlamm da história das ideias. É muito mais importante assinalar que este Kerenski, que se solidariza com Schlamm, quando dirigiu o governo, acusou os bolcheviques de agentes do estado-maior alemão e os perseguiu. Vale dizer que organizou as mesmas fraudes judiciais contra as quais Schlamm mobiliza suas corroidas verdades metafísicas.

Não é difícil desentranhar o mecanismo psicológico da reação ideológica representada por Schlamm e outros de sua espécie. É gente que participou durante um tempo num movimento político que jurava fidelidade à luta de classes e apelava, se não nos fatos ao menos nas palavras, ao materialismo histórico. Tanto na Áustria quanto na Alemanha, o assunto culminou numa catástrofe. Schlamm tira uma conclusão global: eis aqui o resultado da dialética e da luta de classes! E, dado que a eleição de revelações está restrita pela experiência histórica e... pelo conhecimento pessoal, nosso reformador e perseguidor da verdade se encontra com uma trouxa de roupa velha e a opõe valentemente ao bolchevismo e ao marxismo em seu conjunto.

À primeira vista, dir-se-ia que a reação ideológica tipo Schlamm é muitíssimo grosseira (de Marx a... Kerenski!) para deter-se nela. Na realidade, é muito instrutiva: pelo seu primitivismo, representa o denominador comum da reação em todas suas formas, principalmente daquelas expressadas na condenação total ao bolchevismo.

“De volta ao marxismo”?

O marxismo encontrou sua expressão histórica mais elevada no bolchevismo. Sob a bandeira bolchevique, se realizou a primeira vitória do proletariado e se instaurou o primeiro estado operário. Contudo, visto que, na etapa atual, a Revolução de Outubro conduziu ao triunfo da burocracia, com seu sistema de repressão, pilhagem e fraude - a ditadura da mentira, na feliz expressão de Schlamm -, muitas mentes formais e simplistas chegam à mesma conclusão sumária: não se pode lutar contra o estalinismo sem renunciar ao bolchevismo. Como vimos, Schlamm vai, todavia, mais longe: o bolchevismo, que degenerou em estalinismo, surgiu do marxismo, por conseguinte, não se pode combater o estalinismo com as bases assentadas pelo marxismo. Outros indivíduos, menos consequentes, porém mais numerosos, dizem o contrário: “devemos retornar do bolchevismo ao marxismo”. Como? A qual marxismo? Antes de cair na “bancarota”, sob a forma de bolchevismo, o marxismo já havia degenerado sob a forma da socialdemocracia. Significa, então, que “o retorno ao marxismo” é um salto por cima das Segunda e Terceira internacionais... à Primeira Internacional? Porém, esta também desmoronou em seu tempo. Portanto, em última instância, trata-se de voltar... às obras completas de Marx e Engels. Qualquer um pode realizar este salto mortal sem

abandonar seu escritório, sem sequer tirar os chinelos. Porém, como faremos para passar dos nossos clássicos (Marx morreu em 1883, Engels em 1895) às tarefas do nosso tempo, saltando várias décadas de lutas teóricas e políticas, incluído o bolchevismo e a Revolução de Outubro? Nenhum dos que propõem renunciar ao bolchevismo como tendência histórica “em bancarrota” mostrou outro caminho. Consequentemente, o problema se reduz a estudar *O Capital*. De nossa parte, nenhuma objeção. Todavia, também os bolcheviques estudaram *O Capital*, e não com os olhos fechados. O que não impediu a degeneração do estado soviético e a realização dos Processos de Moscou. Então, o que fazer?

O bolchevismo é o responsável pelo estalinismo?

É certo que o estalinismo é um produto legítimo do bolchevismo, como sustentam todos os reacionários, como jura o próprio Stalin, como creem os mencheviques, anarquistas e certos doutrinários de esquerda que se consideram marxistas? *“Sempre previmos - afirmam - ... ao proibir os demais partidos socialistas, reprimir os anarquistas e impor a ditadura bolchevique nos soviets, a Revolução de Outubro somente podia culminar na ditadura da burocracia. Stalin é a continuação e, por sua vez, a bancarrota do leninismo”*.

A falha neste raciocínio está na tácita identificação do bolchevismo, a Revolução de Outubro e a União Soviética. Substitui-se o processo histórico do choque de forças hostis pela evolução do bolchevismo no vazio. Entretanto, o bolchevismo é apenas uma tendência política, estreitamente fundida com a classe operária, mas não idêntica à mesma. E, na União Soviética, ademais da classe operária, existem cem milhões de camponeses, várias nacionalidades e uma herança de opressão, miséria e ignorância. O estado construído pelos bolcheviques reflete não somente o pensamento e a vontade do bolchevismo, mas também o nível cultural do país, a composição social da população, a

pressão de um passado bárbaro e um imperialismo mundial não menos bárbaro. Apresentar o processo de degeneração do estado soviético como a evolução do bolchevismo puro é ignorar a realidade social em nome de apenas um elemento, isolado, mediante um ato de lógica pura. Basta chamar este erro elementar por seu verdadeiro nome para destruí-lo sem deixar vestígios.

Seja como for, o bolchevismo jamais se identificou com a Revolução de Outubro, nem com o estado surgido desta. O bolchevismo sempre se considerou um fator da histórica, o fator “consciente”, importante, mas de nenhuma maneira o decisivo. Jamais caímos no pecado do subjetivismo histórico. Para nós, o fator decisivo - sobre a base das forças produtivas existentes - era a luta de classes, não à escala nacional, mas internacional.

Ao fazer concessões à propriedade privada camponesa, estabelecer regras estritas para o ingresso e participação no partido, limpar o partido dos elementos estranhos, proibir outros partidos, introduzir a NEP, entregar a concessão de empresas a setores privados, firmar acordos diplomáticos com os governos imperialistas, os bolcheviques tiravam conclusões parciais de um fato que, no terreno teórico, lhes resultava claro desde o começo: que a conquista do poder, por importante que seja, de nenhuma maneira transforma o partido em soberano do processo histórico. O partido que se apodera do estado pode, por certo, exercer sua influência sobre o desenvolvimento da sociedade com um poder que antes lhe era inacessível, porém, em troca, se decuplica a influência que os demais elementos da sociedade exercem sobre ele. Um ataque direto das forças hostis pode retirá-lo do poder. Se o ritmo do processo é mais lento, pode degenerar internamente sem perder o poder. Esta é precisamente a dialética do processo histórico que escapa aos lógicos sectários para os quais a decadência do estalinismo constitui um argumento aniquilador contra o bolchevismo.

Em essência, o que dizem esses cavalheiros é: o partido que não contém em si mesmo a garantia contra sua

própria degeneração é ruim. Com esse critério, o bolchevismo está condenado, pois não tem talismãs. Porém, o critério é errôneo. O pensamento científico exige uma análise concreta: como e por que o partido degenerou? Até o momento, apenas os bolcheviques têm feito esta análise. E não lhes foi necessário romper com o bolchevismo: seu arsenal lhes supriu de todas as ferramentas necessárias para aclarar sua mente. Chegaram à seguinte conclusão: é certo que o estalinismo “surgiu” do bolchevismo, mas não de maneira mecânica e sim dialética, não como afirmação revolucionária, mas como negação termidoriana. Não é o mesmo.

O prognóstico fundamental do bolchevismo

Entretanto, os bolcheviques não tiveram que esperar os Processos de Moscou para explicar as razões da desintegração do partido governante da URSS. Há muito tempo, já previam e descreviam a possibilidade teórica desses processos. Recordemos esse prognóstico que os bolcheviques formularam não só nas vésperas como também muitos anos antes da Revolução de Outubro. É possível que, em virtude de um determinado alinhamento de forças nacionais e internacionais, o proletariado conquiste o poder em um país atrasado como a Rússia. Porém, o mesmo alinhamento de forças demonstra de antemão que, sem uma vitória mais ou menos rápida do proletariado nos países adiantados, o governo russo não sobreviverá. O regime soviético abandonado à sua própria sorte degenerará ou cairá. Mais precisamente, degenerará e depois cairá. Eu mesmo escrevi a respeito, a partir de 1905. Em minha História da Revolução Russa (veja-se o apêndice do último tomo: “O socialismo num só país”) estão as declarações formuladas pelos dirigentes bolcheviques entre 1917 e 1923. Todas levam à mesma conclusão: sem revolução no ocidente o bolchevismo será liquidado pela contra-revolução interna, a intervenção estrangeira ou uma combinação de ambas.

Lênin sublinhou mais de uma vez que a burocratização do estado soviético não era um problema teórico ou organizativo, mas o começo potencial da degeneração do estado operário.

No décimo primeiro congresso do partido (março de 1922) Lênin falou do apoio que certos políticos burgueses, como o professor liberal Ustrialov⁴, ofereciam à Rússia soviética sob a NEP. *“Estou a favor de apoiar o governo soviético, disse Ustrialov, apesar de ter sido um democrata constitucional, burguês e partidário da intervenção. Estou a favor de apoiar o governo soviético porque tem tomado um rumo que o conduzirá ao estado burguês comum”*. Lênin preferia a cínica voz do inimigo às “sentimentais mentiras comunistas”. Sóbria e asperamente, advertia o partido do perigo:

“Devemos dizer francamente que as coisas que disse Ustrialov são possíveis. A histórica conhece todo tipo de metamorfoses. Confiar na firmeza das convicções, na lealdade e em outras magníficas qualidades morais é tudo, menos uma atitude séria em política. Excelentes qualidades morais existem em um número ínfimo de pessoas, mas são as grandes massas que decidem os desenlaces históricos, massas que tratam com pouca benevolência esse escasso número de pessoas, se estas não lhes agradam.” (Lênin, Obras completas, vol. 33, pp. 286-287).

Enfim, o partido não é o único fator do processo histórico e, à escala histórica mais ampla, nem sequer é o fator decisivo.

“Ocorre que uma nação conquista a outra, prossegue Lê-

4. N. V. Ustrialov (1890-1937): membro do Partido Democrata Constitucional (Kadete), era um liberal, partidário de uma monarquia constitucional ou de uma república na Rússia. O Kadete era um partido de latifundiários, burgueses e intelectuais burgueses progressivos. Ustrialov se opôs à revolução bolchevique, mas logo trabalhou para o governo soviético, acreditando que este seria obrigado a restaurar o capitalismo. Preso em 1937, foi acusado de realizar atividades antissoviéticas e desapareceu.

nin no mesmo congresso - o último a que assistiu. Isso é simples, qualquer um pode entender. Porém, o que sucede com a cultura de ambas as nações? Isso não é tão simples. Se a nação conquistadora é mais culta que a vencida, aquela impõe sua cultura a esta; se sucede o contrário, os conquistados impõem sua cultura ao conquistador. Não ocorreu algo parecido na capital da República Russa? Não sucedeu que 4.700 comunistas (quase uma divisão do exército, e a melhor deste) se encontram sob a influência de uma cultura alheia?” (Idem, p. 288)

Isso foi dito em princípios de 1922, e não pela primeira vez. A história não é feita por poucos, nem sequer pelos “melhores”. Mais ainda: os “melhores” podem degenerar no espírito de uma cultura alheia, isto é, burguesa. Assim como o estado soviético pôde abandonar o socialismo, o Partido Bolchevique pôde, em condições históricas desfavoráveis, perder seu bolchevismo.

Foi com a clara compreensão deste perigo que nasceu a Oposição de Esquerda, definitivamente formada em 1923. Ao registrar os sintomas de degeneração, dia a dia, tratou de opor a vontade consciente da vanguarda proletária ao termidor crescente. Entretanto, o fator subjetivo se mostrou insuficiente. As “grandes massas” que, segundo Lênin, definem o resultado da luta, se cansaram das privações internas e de aguardar a revolução mundial. Seu estado de ânimo decaiu. A burocracia se impôs. Atemorizou a vanguarda proletária, pisoteou o marxismo, prostituiu o Partido Bolchevique. O estalinismo triunfou. O bolchevismo, sob a forma da Oposição de Esquerda, rompeu com a burocracia soviética e sua Comintern. Assim foi o verdadeiro processo.

É certo que, no sentido formal, o estalinismo surgiu do bolchevismo. Até o dia de hoje, a burocracia de Moscou continua se intitulando Partido Bolchevique. Utiliza o velho rótulo do bolchevismo para melhor enganar as massas. Ainda mais dignos de lástima são os teóricos que confundem a casca com o miolo, a aparência com a realidade.

Ao identificar o estalinismo com o bolchevismo, rendem os melhores préstimos aos termidorianos e, justamente por isso, desempenham um papel evidentemente reacionário.

Eliminados todos os demais partidos da cena política, os interesses e tendências políticas antagônicas dos diversos extratos da população devem se expressar, em maior ou menor medida, no partido governante. Na medida em que o centro de gravidade político se transferiu da vanguarda para a burocracia, foi alterada tanto a estrutura social quanto a ideologia do partido. Em quinze anos, o desenvolvimento precipitado do processo lhe provocou uma degeneração muito mais radical que a sofrida pela social-democracia em meio século. Depois das expulsões, a linha demarcatória entre o estalinismo e o bolchevismo não é uma linha sangrenta e sim um rio de sangue. A aniquilação de toda a velha geração bolchevique, de um setor importante da geração intermediária - a que participou na guerra civil -, e do setor da juventude que assumiu seriamente as tradições bolcheviques, demonstra que entre o bolchevismo e o estalinismo existe uma incompatibilidade que não é apenas política mas também diretamente física. Como ignorar isso?

Estalinismo e “Socialismo de Estado”

Por sua parte, os anarquistas querem ver no estalinismo um produto orgânico não somente do bolchevismo e do marxismo mas também do “socialismo de estado” em geral. Estão dispostos a trocar o conceito patriarcal, de Bakunin⁵, de “federação de comunas livres” pelo conceito mais moderno de federação de soviets livres. Contudo, hoje como ontem, se opõem ao poder estatal centralizado. Nos fatos, um setor do marxismo “estatal” - a socialdemocracia - chegou ao poder e se converteu num franco agente do capitalismo. Do outro lado surgiu uma casta privilegiada. É evidente que a raiz do mal seja o estado.

Desde um ponto de vista histórico amplo, este raciocínio contém uma réstia de verdade. O estado, enquanto aparato de coerção é, sem dúvida, uma fonte de degeneração política e moral. A experiência demonstra que isto também sucede no caso do estado operário. Pode-se dizer, portanto, que o estalinismo é produto de uma situação na qual a sociedade foi incapaz de livrar-se da camisa-de-força do estado. Todavia, esta situação não serve para avaliar o marxismo e o bolchevismo: caracteriza tão somente o nível cultural geral da humanidade e, sobretu-

5. Mikhail Bakunin (1814-1876): contemporâneo de Marx e membro da I Internacional, foi o fundador do anarquismo. Sua teoria propugnava a abolição do estado e a criação de uma federação de comunidades livres.

do, a relação de forças entre o proletariado e a burguesia. Mesmo coincidindo com os anarquistas em que o estado, incluindo o estado operário, é filho da barbárie de classe e que a verdadeira história da humanidade começará com a abolição do estado, ainda resta, com todo vigor, o seguinte questionamento: quais serão as “vias e métodos” que conduzirão, por último, à abolição do estado? A experiência recente nos demonstra que esses métodos não serão os dos anarquistas, com certeza.

No momento crítico, os dirigentes da CNT⁶ - a única organização anarquista importante do mundo - entraram para a equipe ministerial burguesa. Para justificar sua traição aos princípios do anarquismo invocaram a presença das “circunstâncias especiais”. Porém, acaso os dirigentes socialdemocratas alemães não invocaram o mesmo pretexto, em seu momento? Logicamente, a guerra civil não é uma situação pacífica, nem comum, mas sim uma “circunstância excepcional”. Entretanto, as organizações revolucionárias sérias se preparam para atuar, justamente, em “circunstâncias excepcionais”. A experiência da Espanha demonstrou, mais uma vez, que se pode “negar” o estado em panfletos publicados em “circunstâncias normais”, com a permissão do estado burguês, mas que as circunstâncias da revolução não permitem “negar” o estado; ao contrário, exigem a conquista do estado. Não temos a menor intenção de condenar os anarquistas por não ter abolido o estado “com um golpe de mão”. A conquista do poder (que os dirigentes anarquistas se mostraram incapazes de realizar, apesar do heroísmo demonstrado pelos operários anarquistas) de maneira alguma converte o partido revolucionário em senhor soberano da sociedade. Porém, condenamos sim, severamente, a teoria anarquista que, mesmo aparentemente apta para épocas de paz, teve de ser abandonada rapidamente quando apareceram as “condições excepcionais” da... revolução. Existiam, nos velhos tempos, certos generais - provavel-

6. CNT (Confederação Nacional do Trabalho): federação anarcossindicalista espanhola.

mente, todavia, existem - que diziam que não há coisa mais nociva para um exército que a guerra. A essa mesma categoria pertencem os revolucionários cuja doutrina é destruída pela revolução.

Os marxistas coincidem plenamente com os anarquistas quanto ao objetivo final: a abolição do estado. Os marxistas são “estatistas” tão somente na medida em que se torna impossível abolir o estado ignorando-o. A experiência do estalinismo não refuta as lições do marxismo: as confirma, pela inversão. Evidentemente, a doutrina revolucionária que ensina ao proletariado a encontrar a orientação justa e a aproveitar ativamente cada situação não contém uma garantia automática de vitória. Todavia, somente se pode alcançar a vitória mediante a aplicação dessa doutrina. De outra parte, não se deve visualizar a vitória como um fato único. Esta deve ser projetada sobre a perspectiva da época histórica. O primeiro estado operário - montado sobre bases econômicas inferiores às do imperialismo e cercado por este - se transformou na polícia do estalinismo. Porém, o bolchevismo autêntico lançou uma luta de vida ou morte contra essa polícia. Agora, o estalinismo, para se manter no poder, vê-se obrigado a lançar uma guerra civil aberta contra o bolchevismo, sob o rótulo de “trotskismo”, não apenas na URSS, mas também na Espanha. O velho Partido Bolchevique está morto, mas o bolchevismo levanta a cabeça em todas as partes.

Deduzir o estalinismo do bolchevismo ou do marxismo equivale, num sentido mais amplo, a deduzir a contrarrevolução da revolução. Esta verdade conhecida tem sido uma característica do pensamento liberal-conservador e também do reformista. Devido à estrutura de classes da sociedade, as revoluções sempre engendram contrarrevoluções. Isso não significa - diz o lógico - que o método revolucionário tem uma falha intrínseca? Apesar disso, até o momento, nem os liberais nem os reformistas descobriram um método mais econômico. Mas, se não é fácil racionalizar o processo histórico vivido, não é em abso-

luto difícil encontrar uma interpretação racional de suas sucessivas ondas e deduzir, por pura lógica, o estalinismo do “socialismo de estado”, o fascismo do marxismo, a reação da revolução, enfim, a antítese da tese. Neste terreno, como em muitos outros, o pensamento anarquista cai no racionalismo liberal. Não pode haver pensamento revolucionário autêntico sem dialética.

Os “pecados” políticos do bolchevismo: origem do estalinismo

Em certas ocasiões, os argumentos dos racionalistas assumem, ao menos em sua forma externa, um caráter mais concreto. Não deduzem o estalinismo do bolchevismo em sua totalidade, mas de seus pecados políticos⁷. Os bolcheviques - segundo Gorter, Pannekoek, certos “espartaquistas” e outros sujeitos⁸ - substituíram a ditadura

7. Um dos representantes destacados desta corrente de pensamento é o francês Boris Souvarine, autor de uma biografia de Stálin. O lado factual e documental de sua obra é produto de uma investigação prolongada e séria. Porém, a filosofia histórica deste autor brilha por sua vulgaridade. Busca a explicação dos contratempos históricos posteriores nas falhas intrínsecas do bolchevismo. Para ele não existem as pressões do verdadeiro processo histórico sobre o bolchevismo. Taine, com sua teoria do “entorno”, se encontra mais próximo de Marx que Souvarine (Nota de LT). Hippolyte Taine (1829-1893) - filósofo francês cujas teorias deterministas, segundo as quais o homem é produto da herança, do condicionamento histórico e do meio social, se converteram na base da escola naturalista.

8. Hermann Gorter (1828-1927) e Anton Pannekoek (1873-1960): militantes da esquerda socialdemocrata holandesa. Durante a I Guerra Mundial, foram pacifistas e internacionalistas e se vincularam à esquerda de Zimmerwald. Ingressaram no PC holandês em 1918, mas se opuseram à participação dos comunistas nos sindicatos e no parlamento. Criticados por seu ultraesquerdismo, se separaram do PC em 1921. Os primeiros espartaquistas, grupo de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, tomaram o nome de Partido Comunista Alemão em 1919. Posteriormente, distintas seitas oportunistas e ultraesquerdistas da Alemanha e outros países utilizaram

do proletariado pela ditadura do partido; Stálin trocou a ditadura do partido pela ditadura de sua burocracia. Os bolcheviques destruíram todos os partidos, menos o próprio; Stálin estrangulou o Partido Bolchevique com o altar de sua camarilha bonapartista. Os bolcheviques firmaram acordos com a burguesia; Stálin se converteu em aliado e apoio da burguesia. Os bolcheviques sustentavam a necessidade de participar nos velhos sindicatos e no parlamento burguês; Stálin buscou e conseguiu a amizade da burocracia sindical e da democracia burguesa. Pode-se fazer comparações semelhantes, à vontade. Com toda sua aparente contundência, seu valor é nulo.

O proletariado apenas pode conquistar o poder por intermédio de sua vanguarda. A necessidade do poder estatal é, por si, um produto do insuficiente nível cultural e da heterogeneidade das massas. A vanguarda revolucionária, organizada em partido, cristaliza as aspirações de liberdade das massas. Se a classe não confia na vanguarda, se a classe não apoia a vanguarda, sequer se pode falar de conquista do poder. Neste sentido, a revolução e a ditadura proletária é obra da classe em seu conjunto, porém, sob a direção da vanguarda. Os soviets são somente a forma organizada do vínculo entre a vanguarda e a classe. Apenas o partido pode dar a esta forma o conteúdo revolucionário, tal como demonstram a experiência da Revolução de Outubro e a experiência negativa de outros países (Alemanha, Áustria, e agora Espanha). Ninguém tem demonstrado na prática, nem tratado de explicar, em forma articulada sobre o papel, como o proletariado pode conquistar o poder sem a direção política de um partido que sabe o que quer. A subordinação política dos soviets aos dirigentes do partido, através do partido, não aboliu o sistema soviético, da mesma maneira que a maioria conservadora não tem abolido o sistema parlamentar britânico.

Quanto à proibição dos demais partidos soviéticos, esta não é produto de uma “teoria” bolchevique, e sim uma medida de defesa da ditadura em um país atrasado

esse nome (espartaquista). Trotsky se refere, aqui, a estas últimas.

e devastado, rodeado de inimigos. Os bolcheviques compreenderam claramente, desde o princípio, que esta medida, complementada posteriormente com a proibição de frações no próprio partido governante, indicava um perigo enorme. Entretanto, o perigo não estava na doutrina nem na tática, mas sim na debilidade material da ditadura e nas dificuldades internas e internacionais. Se a revolução houvesse triunfado ao menos na Alemanha, haveria desaparecido por completo a necessidade de proibir os partidos soviéticos. É absolutamente indiscutível que a dominação do partido único serviu como ponto de partida jurídico para o sistema totalitário estalinista. Porém, a causa deste processo não está no bolchevismo, nem na proibição dos demais partidos, como medida transitória de guerra, mas sim nas derrotas do proletariado na Europa e na Ásia.

O mesmo pode ser dito da luta contra o anarquismo. Durante o período heroico da revolução, os bolcheviques lutaram ombro a ombro com os anarquistas autenticamente revolucionários. Muitos passaram para as fileiras do partido. Mais de uma vez, Lênin e o autor destas linhas discutiram a possibilidade de conceder aos anarquistas determinados territórios onde, com o consentimento da população local, pudessem realizar a experiência de abolir o estado. Porém, a guerra civil, o bloqueio e a fome não permitiram dar vazão a tais planos. E a insurreição de Kronstadt?⁹ Há que se compreender que o governo revolucionário não podia entregar aos marinheiros insurretos a fortaleza que defendia a capital, pelo simples fato de que à rebelião reacionária dos soldados camponeses se uniram alguns duvidosos anarquistas. A análise histórica concreta dos acontecimentos reduz a pó todas as lendas sobre Kronstadt, Makhno¹⁰ e outros episódios da revolução, ba-

9. Kronstadt: Insurreição dos marinheiros da fortaleza de Kronstadt, em 22 de março, de 1921. A 17 de março foi esmagada pelo Exército Vermelho, não sem grandes perdas humanas de ambos os lados.

10. Nestor Makhno (1884-1935): Inicialmente pastor, depois operário. Tomou parte da Revolução de 1905, tornando-se anarquista. Preso e condenado a trabalhos forçados em 1908. Posto em liberdade na Revolução de Fevereiro, organizou os camponeses da Ucrânia. Em março de 1919, o seu grupo de “partisans” (movimento maknovista) foi incor-

seadas na ignorância e no sentimentalismo.

Resta apenas o fato de que, desde o começo, os bolcheviques aplicaram não somente a convicção, mas também a coerção, às vezes de uma forma bastante rude. É indubitável, também, que a burocracia que surgiu da revolução posteriormente monopolizou o sistema coercitivo para seus próprios fins. Cada etapa da evolução, mesmo quando elas são tão catastróficas, como a revolução e a contrarrevolução, se origina na etapa precedente, tem nela suas raízes e conserva alguns de seus traços. Os liberais, inclusive os Webb¹¹, têm dito sempre que a ditadura bolchevique é uma nova versão do czarismo. Fecham os olhos para “detalhes” tais como a abolição da monarquia e da nobreza, a entrega da terra aos camponeses, a expropriação do capital, a introdução da economia planificada, a educação ateia etc. Assim mesmo, o pensamento liberal-anarquista esquece que a revolução bolchevique, com toda sua coerção, significou um revólver de todas as relações sociais a favor das massas, enquanto que a reviravolta estalinista termidoriana acompanha a transformação da sociedade soviética em favor dos interesses de uma minoria privilegiada. Evidentemente, o pensamento que identifica o estalinismo com o bolchevismo não contém um grão de critério socialista.

porado no Exército Vermelho Ucrainiano, mas entrou rapidamente em conflito com o poder soviético.

11. Webb: trata-se do casal Sydney (1859-1947) e Beatrice (1858-1943) Webb. Socialistas fabianos ingleses e admiradores da burocracia estalinista

Problemas de teoria

Uma das marcas mais visíveis do bolchevismo tem sido sua atitude severa, exigente, inclusive intransigente, com respeito às questões teóricas. Os 27 volumes das obras de Lênin¹² permanecerão para sempre como um exemplo da mais elevada seriedade teórica. Sem esta qualidade fundamental, o bolchevismo jamais haveria realizado sua missão histórica. Nesta esfera, o estalinismo, grosseiro, ignorante e totalmente empírico, se encontra no polo oposto.

Há mais de dez anos, a Oposição declarou em seu programa: *“Desde a morte de Lênin se criou toda uma série de teorias novas, cuja única finalidade é justificar o distanciamento dos estalinistas do caminho da revolução proletária internacional.”* Há poucos dias, o autor norte-americano Liston M. Oak¹³, que participou na revolução espanhola, escreveu o seguinte: *“Hoje em dia, os estalinistas são os maiores revisionistas de Marx e Lênin: Bernstein¹⁴ não se*

12. Obras de Lenin: Em 1977, as Obras Completas de Lênin totalizavam mais de 50 volumes (Moscou, Editorial Progresso).

13. Liston Oak (1895-1970): jornalista, rompeu com os estalinistas durante a guerra civil espanhola em 1937. Escreveu durante um tempo para a imprensa trotskista, mas logo se filiou à socialdemocracia.

14. Eduard Bernstein (1850-1932): principal teórico do revisionismo na socialdemocracia alemã. Sustentava que o marxismo já não era válido e devia ser “revisado”. O socialismo não seria produto da luta de classes e da revolução, mas da reforma gradual do capitalismo, empregando métodos parlamentares; por conseguinte, o movimento operário devia aban-

atreveu a percorrer nem a metade do caminho que Stalin percorre na revisão de Marx". É totalmente certo. Somente falta acrescentar que Bernstein devia satisfazer certas necessidades teóricas: tratou conscientemente de estabelecer a relação entre a prática reformista e o programa da socialdemocracia. A burocracia estalinista, ao contrário, é alheia não só ao marxismo mas também a qualquer doutrina ou sistema. Sua "ideologia" está imbuída de subjetivismo policiaisco; sua prática é o empirismo da violência desnudada. Pela natureza mesma de seus interesses essenciais, esta casta dos usurpadores é hostil a toda teoria: ela não pode prestar contas de seu papel social nem a si mesma nem a ninguém. Stalin revisa Marx e Lênin não com a pena do teórico, mas com a bota da GPU.

O problema moral

Os que mais se queixam da “amoralidade” dos bolcheviques são essas nulidades presunçosas a quem o bolchevismo arrancou as máscaras baratas. Os círculos pequeno-burgueses, intelectuais, democráticos, “socialistas”, literários, parlamentares e outros do mesmo calão conservam os valores convencionais, ou empregam uma linguagem convencional para ocultar sua falta de valores. Essa vasta e colorida cooperativa de proteção mútua - “viver e deixar viver” - não pode suportar o contato do bisturi marxista com sua pele sensível. Esses teóricos, escritores e moralistas que oscilam entre os distintos campos, pensavam e seguem pensando que os bolcheviques exageram propositalmente as diferenças, que são incapazes de colaborar de forma “leal” e que, com suas “intrigas”, rompem a unidade do movimento operário. Por sua parte, o centrista sensível e melindroso sempre acreditou que os bolcheviques o “caluniavam”... simplesmente porque desenvolviam os vagos pensamentos do centrista até o fim: ele jamais pôde fazê-lo. Mas, é fato que somente a valorosa qualidade de manter uma atitude intransigente contra tudo o que seja sofisma e evasão permitiu ao partido revolucionário se educar e não ser surpreendido por “circunstâncias excepcionais”.

Em última instância, as qualidades morais de qualquer partido derivam dos interesses históricos que este repre-

senta. As qualidades morais bolcheviques de abnegação, desinteresse, audácia e desprezo por todo ornamento e falsidade - as maiores qualidades do ser humano! - derivam de sua intransigência revolucionária a serviço dos oprimidos. Neste terreno, a burocracia estalinista imita os termos e gestos do bolchevismo. Porém, a “intransigência” e a “inflexibilidade”, aplicadas por um aparato policial a serviço de uma minoria privilegiada, se convertem em fonte de desmoralização e gangsterismo. Só nos resta sentir desprezo por esses cavalheiros que identificam o heroísmo revolucionário dos bolcheviques com o cinismo burocrático dos termidorianos.

Hoje em dia, apesar dos acontecimentos dramáticos do passado recente, o filisteu comum quer crer que o choque entre o bolchevismo (“trotskismo”) e o estalinismo é um mero choque de ambições pessoais ou, no melhor dos casos, entre dois “matizes” do bolchevismo. Temos a expressão mais grosseira desta opinião em Norman Thomas¹⁵, dirigente do Partido Socialista norte-americano:

“Existem poucas razões para acreditar - escreve - que se o ganhador (!) houvesse sido Trotsky, no lugar de Stalin, teriam terminado as intrigas, conjuras e o reino do terror na Rússia.” (American Socialist Review, setembro de 1937, p. 6)

O homem que escreve isso se considera ...marxista. Aplicando o mesmo critério, poderíamos dizer: *“Existem poucas razões para acreditar que se o titular da Santa Sé não fosse Pio XI e sim Norman I, a igreja católica se transformaria num bastião do socialismo.”*

Thomas se nega a compreender que não se trata de uma briga entre Stalin e Trotsky, mas sim do antagonismo entre a burocracia e o proletariado. É certo que a burocracia governante se vê obrigada, inclusive hoje, a se adaptar à herança da revolução, ainda não totalmente liquidada,

15. Norman Thomas (1884-1968): Dirigente do Partido Socialista Americano. Pacifista, ex-pastor presbiteriano, foi candidato à presidência dos Estados Unidos.

ao mesmo tempo em que prepara uma mudança no regime social através da guerra civil (“limpeza” sangrenta: aniquilação em massa dos descontentes). Porém, na Espanha, a camarilha estalinista já atua abertamente como baluarte da ordem burguesa contra o socialismo. Diante de nossos olhos, a luta contra a burocracia bonapartista se transforma em luta de classes: dois mundos, dois programas, duas morais. Se Thomas pensa que a vitória do proletariado socialista sobre a infame casta de opressores não regeneraria política e moralmente o regime soviético, então demonstra que, apesar de suas reservas, evasões e suspiros piedosos, se encontra muito mais próximo da burocracia estalinista que dos operários.

Thomas, igual a todos os que se enfurecem com o “amoralismo” bolchevique, não está à altura da moral revolucionária.

As tradições bolcheviques e a IV Internacional

Os “esquerdistas” que trataram de “retornar” ao marxismo passando ao largo do bolchevismo, geralmente caíram em panaceias isoladas: boicote aos velhos sindicatos, boicote ao parlamento, criação de sovietes “autênticos”. Tudo isso podia parecer muito profundo ao calor dos primeiros dias do pós-guerra. Agora, depois das experiências recentes, semelhantes “enfermidades infantis” nem sequer se mostram como interessantes objetos de estudo. Os holandeses Gorter e Pannekoek, os “espartaquistas” alemães, os bordiguistas¹⁶ italianos, quiseram demonstrar sua independência do bolchevismo: exaltaram artificialmente uma de suas características e a opuseram às demais. Porém, nada resta destas tendências de “esquerda”, nem a teoria nem a prática; prova indireta mas contundente de que o bolchevismo é o único marxismo possível para nossa época.

O Partido Bolchevique mostrou na ação a combinação da maior audácia revolucionária com o realismo político.

16. Bordiguistas: grupo ultraesquerdista dirigido por Amadeo Bordiga (1889-1970), expulso do PC italiano acusado de ser “trotskista”, em 1929. Os trotskistas trataram de trabalhar com os bordiguistas, porém não puderam devido ao sectarismo destes últimos: por exemplo, se opunham à frente única e a intervenção no parlamento por razões principistas.

Mostrou, pela primeira vez, qual é a única relação entre vanguarda e classe capaz de garantir a vitória. Demonstrou, na experiência, que a aliança entre o proletariado e as massas oprimidas da pequena burguesia rural e urbana requer a prévia derrota política dos partidos pequeno-burgueses tradicionais. O Partido Bolchevique mostrou ao mundo inteiro como se deve realizar a insurreição armada e a conquista do poder. Quem contrapõe a abstração dos soviets à ditadura do partido deve compreender que, somente graças à direção bolchevique, os soviets puderam elevar-se do lodo reformista e ascender à forma estatal proletária. Na guerra civil, o Partido Bolchevique conseguiu a justa combinação da arte militar e política marxista. Se a burocracia estalinista conseguir destruir os alicerces econômicos da nova sociedade, a experiência da economia planificada sob a direção bolchevique passará igualmente à história como uma das maiores lições da humanidade. Somente os sectários desgostosos e ofendidos, que deram as costas ao processo histórico, podem ignorar isso.

Mas isso não é tudo. O Partido Bolchevique pôde realizar sua magnífica obra “prática” porque iluminou todos seus passos com a teoria. O bolchevismo não criou a teoria: essa foi propiciada pelo marxismo. Porém, o marxismo é a teoria do movimento, não do estancamento. Somente os acontecimentos de grande envergadura histórica poderiam enriquecer a própria teoria. O bolchevismo fez aportes de grande valor ao marxismo: a análise da época imperialista como época de guerras e revoluções; a democracia burguesa na era da decadência capitalista; a relação recíproca entre greve geral e insurreição; o papel do partido, os soviets e os sindicatos na época de decadência capitalista; por último, a análise da degeneração do próprio Partido Bolchevique e do estado soviético. Que se nomeie alguma tendência que haja agregado algum aporte essencial às conclusões e generalizações do bolchevismo. Nos terrenos teórico e político, Vandervelde, De Brouckere, Hilferding, Otto Bauer, León Blum, Zyromsky, sem falar do grande Attlee e Norman Thomas, vivem dos restos

apodrecidos do passado¹⁷. A expressão mais grosseira da degeneração da Comintern é seu declínio ao nível teórico da Segunda Internacional. Os grupos intermediários em todas suas variantes (Partido Trabalhista Independente da Grã Bretanha, POUM e outros) adaptam fragmentos tomados aleatoriamente de Marx e Lênin a suas necessidades de cada semana. Nada podem ensinar aos operários.

Somente os fundadores da IV Internacional, que têm assumido a tradição de Marx e Lênin, mantêm uma atitude séria com a teoria. Os filisteus podem zombar dos revolucionários que, vinte anos depois da Revolução de Outubro, voltam a se converter em modestos grupos de propaganda e preparação. Neste terreno, como em tantos outros, os grandes capitalistas demonstram ser muito mais perspicazes que os pequenos burgueses que se consideram “socialistas” ou “comunistas”. Não é casual que o tema da IV Internacional não desapareça das colunas da imprensa mundial. A candente necessidade histórica de construir uma direção revolucionária assegura à IV Internacional um ritmo de crescimento excepcionalmente rápido. A maior garantia de seu futuro êxito radica em que não tenha surgido separada do grande caminho histórico, mas como produto orgânico do bolchevismo.

17. Emile Vandervelde (1866-1938): dirigente do Partido Trabalhista belga e presidente da Segunda Internacional, em 1929-36. Foi ministro durante a Primeira Guerra Mundial e firmou o tratado de Versalles, em nome do governo belga. Louis de Brouckere (1870-1951): dirigente do trabalhismo belga e belicista durante a Primeira Guerra Mundial. Presidiu a Segunda Internacional em 1937-39. Clement Attlee (1883-1967): dirigente do Partido Trabalhista inglês a partir de 1935, ocupou postos no gabinete de Winston Churchill em 1940-45. Quando o trabalhismo ganhou as eleições de 1945, Attlee foi nomeado primeiro-ministro e ocupou esse cargo até 1951.



Escreva para Caixa Postal 630 - CEP 01059-970 - São Paulo
www.pormassas.org
